

## DA VIVÊNCIA DO TEMPO À VIVÊNCIA DO ESPAÇO: A OGDÓADE NA ARTE DA ANTIGUIDADE TARDIA

---

*Licínia Nunes Correia Wrench*

Nos primeiros séculos do cristianismo, quer consideremos a arquitetura quer as artes decorativas, encontramos testemunhos de representações às quais o número oito está subjacente ou como octógono ou como dois quadrados secantes ou como forma radial. A unidade de oito elementos manifestada nas formas estará relacionada com o conceito e o simbolismo que os Padres da Igreja atribuíram à ogdóade.<sup>1</sup>

É a partir do número oito que alguns exegetas da Bíblia chegam, por exemplo, ao número 666 da Besta do Apocalipse, usando o designado método dos números triangulares que consiste na adição de todos os algarismos que vão da unidade ao número que se pretende considerar. Assim, o triangular de 8 ( $1+2+3...$ ) é 36 e o triangular de 36 é 666.<sup>2</sup>

Outras complicadas aritméticas foram usadas pelos primeiros pensadores cristãos para interpretar muitos dos números referidos no Antigo e no Novo Testamentos, atribuindo-lhes significados que fundamentam nos próprios textos das Sagradas Escrituras. A liturgia cristã sempre atribuiu aos números particular importância: o número das orações ou o dos gestos rituais impostos para cada circunstância; o número de dias dedicados

---

<sup>1</sup> Do grego "ογδοος (oitavo). Para a temática da ogdóade v. A. Quacquarelli, *L'Ogdoad e patristica e suoi riflessi nella liturgia e nei monumenti*, Bari, 1973.

<sup>2</sup> *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie* (DACL), Paris, 1924-1953, NOMBRES, col. 1468.

às festividades santas; o da divisão da própria hóstia que na missa céltica era feita de acordo com as festas; o número das horas canônicas tendo S. Bento tornado as Completas uma hora distinta das Vésperas, alcançando, assim, o número oito...<sup>3</sup>

Para este número seria interessante traçar o percurso simbólico desde as mais antigas civilizações até ao mundo romano cristianizado e ao seu aproveitamento pelos primeiros pensadores cristãos. Apontarei, apenas, alguns passos desse percurso apresentando, seguidamente, por meio de alguns exemplos, a adequação de vários discursos simbólicos no mundo cristão: o do número oito, o da imagem e o do texto bíblico.

Uma estrela de oito pontas era um símbolo conhecido na antiga Mesopotâmia desde os tempos pré-históricos que terá tido um significado geral astral e que vai ser um atributo da deusa Ištar. Remontando ao primeiro período babilónico, encontramos a ideia da existência de oito regiões para além da água que rodeava o disco terrestre e a de oito divindades geradas pelos primeiros deuses correspondendo cada qual às 8 grandes portas que se abriam na muralha da cidade de Babilónia.<sup>4</sup>

É sabido que a ciência dos números se foi afirmando progressivamente ao longo das antigas culturas, embora mantendo um carácter esotérico, reservando-se a uma elite. Posteriormente, no mundo grego, a difusão das doutrinas pitagóricas vai contribuir, em grande medida, para exoterizar essa ciência.

No que respeita ao número oito, refira-se o célebre e tão discutido texto de Platão, na República, que é o da descrição do mecanismo do Universo feito por Er, o panfílio. Aqui, são mencionados oito círculos planetários que giram à volta do fuso da Necessidade, postando-se, no alto de cada anel, uma sereia que gira com ele fazendo ouvir a sua própria nota, o seu próprio tom, de forma a que as suas oito vozes reunidas compõem um único acorde.<sup>5</sup>

Note-se também que, segundo o Estoicismo Antigo, a alma compu-

---

<sup>3</sup> *Liturgia. Encyclopédie Populaire des Connaissances Liturgiques* (dir. de l'Abbé R. Aigrain), Paris, 1935 pp. 570 e 832.

<sup>4</sup> Black, Jeremy & Anthony Green, *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia. An Illustrated Dictionary*, The Trustees of the British Museum, Londres, 1992 COSMOLOGY; CREATION; INANA (ISTAR); STAR (symbol).

<sup>5</sup> Platão, *República*, 616 a) a 617 d), Les Belles Lettres, 7.<sup>a</sup> ed., Paris, 1973, Tomo VII, 2.<sup>a</sup> parte, Livros VIII-IX, pp. 116 a 118.



nha-se de oito partes, sendo cinco as dos sentidos mais a faculdade de procriar, a faculdade da linguagem e o *hegemonikon* ou potência racional que comandava a vida psíquica.<sup>6</sup>

Na aplicação das doutrinas pitagóricas da harmonia do cosmos ao *canon* humano, Policleto, a julgar pelo *Diadoumenos* que nos chegou, aproximou-se também do número oito, atribuindo à cabeça a oitava parte da altura total do corpo.

Também Vitrúvio, no século de Augusto, seguindo, porém, a tradição grega, ao tratar da *symmetria* no L. III da sua obra *De Architectura*, é ainda à proporção de 1 para 8 que se reporta, quer para o corpo humano, determinando que a cabeça desde o queixo até ao crâneo constitui a oitava parte do corpo,<sup>7</sup> quer para elementos arquitectónicos, aplicando igual proporção para o diâmetro da coluna jónica em relação à sua altura e para diferentes elementos que compõem o capitel jónico. Nos capítulos em que trata da planificação da cidade ideal refere a determinação dos pontos cardiais e colaterais de acordo com as direcções de oito ventos, usando a divisão da circunferência em oito partes. Esta divisão atribui-a a Eratosthenes de Cyrene que, segundo afirma, conferira ao espaço para cada vento a oitava parte dos 31 milhões e 500 mil passos que compunham a circunferência terrestre.<sup>8</sup> Ainda sobre a determinação do número 8 para os ventos como sendo a mais exacta, Vitrúvio aponta o nome de Andronicus de Cyrrha que, para demonstração da sua teoria erguera, em Atenas, uma torre octogonal de mármore, com a representação do respectivo Vento em cada lado do octógono.<sup>9</sup>

Regressando ao texto da República de Platão e à alegoria de Er, esta é narrada a propósito das recompensas, no Além, para os justos e das penas e castigos infligidas aos injustos. As almas deveriam partir ao oitavo dia, depois de permanecerem sete num extenso prado, para um lugar de onde se descobre a luz que se estende do alto, através de todo o céu e da terra...<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> Ref.<sup>a</sup> em Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica, Cultura Romana*, II Vol. 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, FCG, 1990, n. 16, p. 100.

<sup>7</sup> “*Caput a mento ad summum uerticem octauae...*” Vitrúvio, *De Architectura*, L. III, 1, 2. Edição de Frank Granger, *Vitruvius, on Architecture*, I, London, The Loeb Classical Library, 1931 (Reimpressão de 1970)

<sup>8</sup> Vitrúvio, *De Arch.*, L. I 6, 9 *op. cit.*

<sup>9</sup> “(...) *qui etiam exemplum conlocauit Athenis turrem marmoream octagonum et in singulis lateribus octagoni singulorum uentorum imagines exscalptas (...)*” L. I, 6, 4.

<sup>10</sup> Platão, *República*, 616 b) e c) *op. cit.*, pp. 116 e 117

Este eixo do Universo que se pode associar à ideia do equilíbrio central cósmico, associa-se, por sua vez, às ideias de perfeição e de justiça que foram atribuídas ao número oito pela mística cristã e que se refletem, por exemplo, nas oito bem-aventuranças do Sermão da Montanha (Matth. 5, 1-11) designadamente quando nelas se refere a fome e o amor da justiça.

A exegese patrística das oito bem-aventuranças oferece inúmeros textos reveladores da espiritualidade do pensamento antigo.

S. Gregório de Niza considera a 8.<sup>a</sup> bem-aventurança como vértice de todas as outras e a ogdóade é o Reino dos céus atribuído aos que sofrem perseguição pela justiça.<sup>11</sup>

Santo Agostinho reduz as bem-aventuranças a 7, considerando que a 8.<sup>a</sup> clarifica e demonstra o que é perfeito (“*nam octava clarificat et quod perfectum est demonstrat*”).<sup>12</sup>

Para Santo Ambrósio as bem-aventuranças são 4 segundo Lucas e 8 segundo Mateus estando compreendidas nas 4 de Lucas as de Mateus. Para um, as 4 Virtudes cardiais, para Mateus o místico número 8.<sup>13</sup>

A sacralização do número oito pela Igreja liga-se, fundamentalmente, aos textos do Novo Testamento e à ideologia cristocêntrica que se pretende divulgar.

Considera-se que a passagem do número sete ao oito indica a passagem da Antiga para a Nova Lei que abre ao homem as portas do Céu.

Para a Igreja que se afirma e se expande, o número oito pode constituir o seu próprio símbolo pois que é na ressurreição de Cristo, no 8.<sup>o</sup> dia (domingo), que ela encontra o seu fundamento, opondo-se à Sinagoga.

Santo Ambrósio atribui à ogdóade grande importância, ligando-a, fundamentalmente, à ideia da beatitude eterna ou tempo futuro que sucede ao tempo presente sendo este o tempo da semana judaica. Enquanto esta se situa entre os dias *sabbat*, o 7.<sup>o</sup> dia em que Deus descansou (Gen., 1), a semana cristã situa-se entre os dias do Senhor, o *dies dominica*, o dia da ressurreição de Cristo. A semana cristã é uma oitava.

Tendo a Igreja ligado o simbolismo da ogdóade à ideia de Salvação, da beatitude eterna, ao oitavo dia ou dia do Senhor ressuscitado, idêntico simbolismo vai ser atribuído aos próprios dias e locais em que se pratica o

---

<sup>11</sup> A. Quacquarelli, *op. cit.*, p. 46, n. 67: *De beatitud. or.* VIII: PG 44, 1292

<sup>12</sup> *Idem*, n. 68: *Serm. Dom. in mont.* I, 3, 10 (A. Mutzenbocher) C ch 35, 9

<sup>13</sup> *Idem*, p. 47, n. 71: *Exp. in Lc* 5, 49 (M. Adriaen) C ch 14, 152.

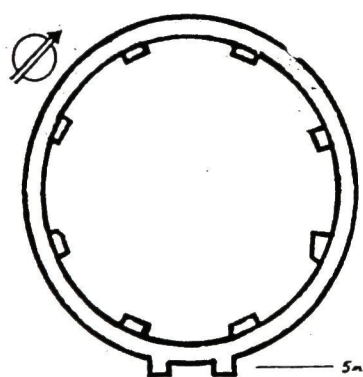


batismo pois que, ele também, opera em cada homem uma ressurreição espiritual.

Assim, na festa da Páscoa, o oitavo dia era solenizado sob o nome de *Dominica in albis depositis* por ser nesse dia que os neófitos tiravam a sua veste branca, símbolo da pureza alcançada pelo batismo, e eram ditas oito missas *pro baptizatis*.<sup>14</sup>

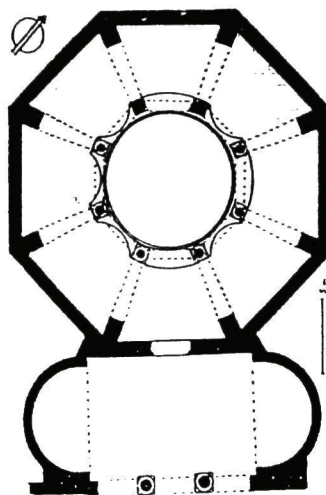
Também o espaço onde o ritual do batismo tinha lugar, o *baptisterium* agora convertido em *fons beatus*, encontrará a sua forma mais expressiva no octógono, numa perfeita adequação simbólica entre número, forma/espço e liturgia.

A partir do séc. IV, a planta octogonal usada em *baptisteria* cristãos ocorre significativamente em todo o mundo cristianizado, considerando-se como protótipo desta tipologia o baptistério anexo à Igreja de S. João de Latrão, da época de Constantino, adaptado de uma sala circular integrada num espaço termal da *uilla* lateranense que, em sucessivas remodelações desde os inícios do séc. IV, terá adquirido a tipologia octogonal na 1.ª metade do séc. V (fig. 1).<sup>15</sup>



Roma, Latrão II

Fig. 1 – Roma, Latrão II



Roma, Latrão III

Fig. 1A – Roma, Latrão III

<sup>14</sup> DACL, AMBROSIEN (RIT) col. 1386; OCTAVE col. 1886.

<sup>15</sup> A. Khatchatrian, *Les Baptistères Paléochrétiens*, Paris, 1962, pp. 122, 123, Plantas 326 e 349.

Também uma antiga referência escrita para o *fons* octogonal é uma inscrição que estaria patente no baptistério milanês de Santa Tecla, em cujo texto conhecido apenas através de cópia e que foi atribuído a Santo Ambrósio se pode ler:

*“Octachorum sanctos templum surrexit in usus,  
Octogonos fons est munere dignus eo,  
Hoc numero decuit sacri baptismatis aulam  
Surgere, quo populis vera salus rediit, ”etc.* <sup>16</sup>

Este baptistério, datado do séc. IV/V, foi reformulado no V e parcialmente destruído no XIV.<sup>17</sup>

O modelo ambrosiano (panta octogonal), certamente escolhido pela sua adequação ao simbolismo da ogdóade, teve grande expansão sobretudo a partir do séc. V e dele podemos encontrar inúmeros testemunhos, no Oriente, África e Ocidente até à Hispânia.

Como exemplos desta tipologia refira-se apenas na África romana, actual Tunísia, em Henchir El-Hakaim, o baptistério que apresenta na sua planta a reunião de figuras geométricas carregadas de forte simbolismo: num vasto espaço quadrangular exterior encontram-se sucessivamente inscritos um círculo, um octógono com 8 nichos radiais, um quadrado e uma tina circular no centro.<sup>18</sup>

Em Itália, Ravena, saliente-se o designado Baptistério dos Arianos, de finais do séc. V ou inícios do VI, com magnificente decoração musiva e o baptistério dos Ortodoxos (S. Giovanni in Fonte), de inícios do séc. V.<sup>19</sup>

Na mesma cidade, aponte-se também a Basílica de S. Vitale de planta octogonal consagrada pelo bispo Maximianus no séc. VI. Da sua riquíssima decoração interior em mosaico destaque-se o pormenor do intradorso do arco triunfal: o espírito divino é representado por 8 raios de luz que emanam do centro da abóbada celeste (fig. 2).

---

<sup>16</sup> DACL, AMBROSIEN (RIT) col. 1386; OCTOGONE col. 1901.

<sup>17</sup> A. Khatchatrian, *op. cit.*, p. 108, plantas 328 e 329.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 93, planta 285.

<sup>19</sup> *Idem*, p. 120, plantas 338 e 339.





Fig. 2 – Ravena. Basílica de S. Vitale

O tema da ogdóade surge-nos assim visualizado na Antiguidade Tardia não só na planimetria de *baptisteria* e de edifícios consagrados ao culto, mas também na decoração musiva, pictórica e escultórica cristãs.<sup>20</sup>

No que respeita à ocorrência desta temática na arte paleocristã do actual território português, para *baptisteria* cristãos de forma octogonal encontramos um exemplo posto a descoberto por escavação arqueológica na cidade paleocristã de *Myrtilis*, num provável aproveitamento de um edifício balnear anterior, de finais do séc. III, edifício integrado no contexto do *forum* da cidade romana.<sup>21</sup>

Outro exemplo, mas este apenas conhecido por referências literárias, é o baptistério que estaria anexo à basílica edificada em memória de S. Mâncio ou S. Manços de Évora, mártir dos finais do séc. VI, princípios do séc. VII. De acordo com o texto da *Passio* deste Santo, que terá sido

<sup>20</sup> A. Quacquarelli, *op. cit.*, pp. 69-87.

<sup>21</sup> Caudio Torres, “A Cidade Paleocristã de *Myrtilis*, ” *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa (1992), Barcelona, 1995, p. 263.



escrita nos finais do séc. VII ou princípios do VIII, podemos visualizar uma magnífica basílica com átrios ornamentados de colunas, paredes revestidas a mármore, pavimento decorado com mosaico e, anexo à basílica para os fiéis, um *beatus fons* de planta octogonal (*octagonum*), com colunas. Este conjunto poderá ser datado, segundo Justino Maciel, da 2.<sup>a</sup> metade do séc. VII.<sup>22</sup>

Um terceiro exemplo de planta centrada e afim à octogonal poderá ter sido um *baptisterium* de Tróia de Setúbal, hoje desaparecido, e que de acordo com a planta dele deixada por Marques da Costa, apresenta a marcação de dois eixos cruzados no interior do espaço circular determinando quatro quadrantes que seriam *lavacra* e quatro absidiolos radiantes.<sup>23</sup>

De acordo com o estudo realizado por Justino Maciel este espaço que terá correspondido a um *frigidarium* termal terá sido, numa primeira fase de construção, uma estrutura hidráulica. Numa adaptação sucessiva do mesmo espaço a diferentes funcionalidades, é provável que a sua função em contexto balnear tenha sido substituída pela funcionalidade cristã como frequentemente aconteceu. Sendo assim, este *baptisterium* cristão de Tróia de Setúbal será o mais antigo testemunho da Hispânia, pois que nenhum outro conhecido é anterior ao séc. V.<sup>24</sup>

É também em Tróia em outro monumento indubitavelmente paleocristão, a designada Aula/Basílica, que podemos encontrar o tema da ogdóade na decoração parietal em frescos. Em diferentes painéis que ocupam a metade superior das paredes, pode ver-se um sistema compositivo de octógonos adjacentes determinando quadrados, tendo sido desenhados no interior dos octógonos círculos e, no centro destes, pequenos florões de oito pétalas alternando com pássaros (pombas).

Embora o uso deste padrão tenha sido largamente utilizado no mundo romano, nomeadamente em mosaico decorativo do contexto civil (doméstico) como é o caso de diferentes exemplos em território actualmente português, a sua ocorrência num templo cristão como o atrás referido leva a supor que a preferência a ele conferida e a sua ligação às flores de 8 pétalas estará relacionada com a simbologia cristã atribuída ao número oito.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> M. Justino Maciel, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, 1996, pp. 100 a 102.

<sup>23</sup> A. Marques da Costa, AP 29 (1934).

<sup>24</sup> M. Justino Maciel, *op. cit.*, pp. 213 a 225.

<sup>25</sup> *Idem*, pp. 250 a 256.



## *Da Vivência do Tempo à Vivência do Espaço*

Também na decoração arquitectónica de contexto litúrgico, sobretudo a de espaços interiores paleocristãos do nosso território, se verifica uma ocorrência bastante significativa de estrelas de oito pontas ou de octofólios relevados na pedra de pilastras, impostas, pés de altar, aduelas...

Como síntese do que foi exposto considera-se que a cultura do povo hebraico foi cadinho em que se fundiram as culturas dos povos da Mesopotâmia, Egipto, Grécia, tendo também na aritmosofia sofrido influências delas.

Os primeiros cristãos, tal como na linguagem das formas usaram modelos anteriores atribuindo-lhes significados de acordo com a sua ideologia, também na linguagem dos números terão seguido idêntico processo.

Nos primeiros séculos do cristianismo os espaços destinados à prática do culto foram vividos em íntima ligação com a ideia de um tempo de projecção escatológica, o tempo do Reino Celeste, vivido pelos iniciados no baptismo.

O oitavo dia – “ὀγδὸν ἡμέρα” – ligado à ressurreição de Cristo é o 1.º dia ou o início da história cristã em marcha para o Reino.

A nova semana trazida pelo cristianismo é a vivência em cada dia do júbilo do primeiro – o dia do Senhor – ideia que apenas a língua portuguesa conservou na designação dos dias que a ele sucedem: *secunda*, *tertia*, *quarta*... *feriae* ou festas.

A passagem do *sabbat* para a oitava do Novo Testamento é a passagem para a eterna ogdóade cujo simbolismo se adequa ao do número, da forma e do texto bíblico em que Cristo ocupa o centro e é o alfa e o ómega.

A linguagem cristã da Antiguidade surge-nos como uma unidade polifacetada de diferentes discursos simbólicos.